

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA  
**MERCADO  
DE TRABALHO**

1º TRIMESTRE DE 2019



Estado da Bahia

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Armando Affonso de Castro Neto

Ana Maria de Sales Guerreiro

Luana Gabriela da Silva Rodrigues

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Disseminação de Informações – Codin

Augusto Cezar Pereira Orrico

Coordenação de Produção Editorial

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Revisão

Elvira Mejía

Editoração

Adir Filho

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

# SUMÁRIO

1º TRIMESTRE DE 2019 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **1**

EMPREGOS FORMAIS **3**

MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA **9**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **13**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **13**

Projeção do emprego formal **14**

NOTAS METODOLÓGICAS **16**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **16**

Projeções do mercado de trabalho formal **17**

# 1º TRIMESTRE DE 2019

O significado de retomada, *stricto sensu*, contempla a ideia de reaver algo que se havia perdido, a noção de regressar à condição ou ao padrão anterior. Assim sendo, a retomada da atividade econômica ainda não ocorreu. Ou seja, o fim da recessão não implicou o início de uma retomada propriamente dita e a economia não retornou aos patamares da fase pré-crise. Não bastasse isso, muito provavelmente, não será em 2019 que tal feito se materializará.

A atividade econômica vem demonstrando algum avanço e reduzindo ligeiramente a apatia, mas o desempenho ostentado ainda se mostra de fraco a moderado no geral. O que se tem, até então, não passa de uma reabilitação, regeneração, restauração ou reparação. Nada além disso. Do mais, há ainda os solavancos momentâneos, como os vivenciados recentemente, que muitas vezes ameaçam ou até mesmo fragilizam essa recuperação.

Hoje, quase cinco anos após o início da crise econômica brasileira, uma das mais agudas da história, o cenário se mostra bem deteriorado, no qual a Bahia também se enquadra. Num comparativo entre os indicadores do mercado de trabalho baiano da pré-crise e os mais recentes, vê-se claramente que a cena conjuntural adversa ainda não ficou para trás: àquela época havia 681 mil desocupados, hoje há 1,282 milhão de indivíduos nessa situação; a taxa de desocupação era de 9,7% e, hoje, chega a 18,3%; o estoque de empregos celetistas atual, de 1,703 milhão, se encontra muito abaixo do registrado ao final de 2014, de 1,832 milhão; o total de ocupados caiu de 6,059 para 5,724 milhões; o número de empregados no setor privado com carteira assinada (exclusive trabalhador doméstico) diminuiu em 314 mil de lá para cá; os subocupados por insuficiência de horas trabalhadas aumentou de 709 mil para 897 mil; a taxa de subocupação saiu de 11,3% para 15,7%; o total de indivíduos subutilizados aumentou de 1,987 milhão para 3,271 milhões; a taxa de subutilização da força de trabalho passou de 26,3% para 40,4%; o contingente de desalentados se dilatou em 521 mil no intervalo; o percentual de desalentados variou de 3,4% para 9,9%; e o percentual de desocupados com tempo de procura por trabalho acima de um ano aumentou de 32,9% para 40,4% no mesmo período.

As análises deste boletim, com foco na Bahia, debruçadas em dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), revelam um relativo progresso da realidade laboral baiana ao longo dos últimos meses. Entretanto, apesar de indicar a recomposição de alguns indicadores no período recente, fica patente a necessidade de maiores avanços para se ter caracterizado uma recuperação ampla e enraizada. A lentidão é a principal marca desse processo. Enfim, não há muito que possa servir de justificativa para grandes comemorações e que justifique picos de expectativas.

## CENÁRIO ECONÔMICO

A economia baiana não demonstrou qualquer vitalidade no primeiro trimestre do ano. O sentimento foi de decepção. Entre as atividades econômicas, apesar de um ou outro avanço, não se constatam resultados animadores. Os setores de Serviços e Comércio, únicos com desfechos positivos, exibiram crescimentos bem próximos de zero. O setor agropecuário, após o bom desempenho do ano passado, tende a amargar uma produção bem menor este ano. A Indústria, que despontou com resultado positivo ao final do quarto trimestre de 2018, voltou

a perder fôlego. Como se não bastasse, a confiança do empresariado baiano passou por uma acomodação no início deste ano e voltou a ficar abaixo de zero em março.

De maneira efetiva, conforme Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de março, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2019 aponta para o encolhimento de 14,3% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou quase 10,0 milhões de toneladas. A produção física de grãos deverá fechar o ano com aproximadamente 8,6 milhões de toneladas. Dessa forma, diante da expectativa de ampliação de 1,5% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá recuar em 15,5%.

Em relação à indústria, de acordo com as informações da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, a produção baiana, acumulada de janeiro a março de 2019, passou por uma redução de 3,5% frente ao montante produzido no mesmo intervalo de 2018 – emendando três quedas seguidas nessa base de comparação. O decréscimo no ritmo produtivo do setor ocorreu apenas na indústria de transformação, a qual recuou 3,9%, já que na extrativa houve aumento de 3,9% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. No acumulado dos últimos 12 meses, o quadro foi de leve revés para o total da indústria, com recuo de 0,3% em relação a igual período imediatamente anterior.

O setor de Serviços se expandiu levemente no trimestre. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre janeiro e março de 2019, em relação ao valor observado nos três primeiros meses de 2018, exibiu uma ligeira elevação de 0,2% – primeira alta após cinco quedas sucessivas na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado dos últimos 12 meses, por outro lado, a variação continuou negativa, com retração de 1,7%.

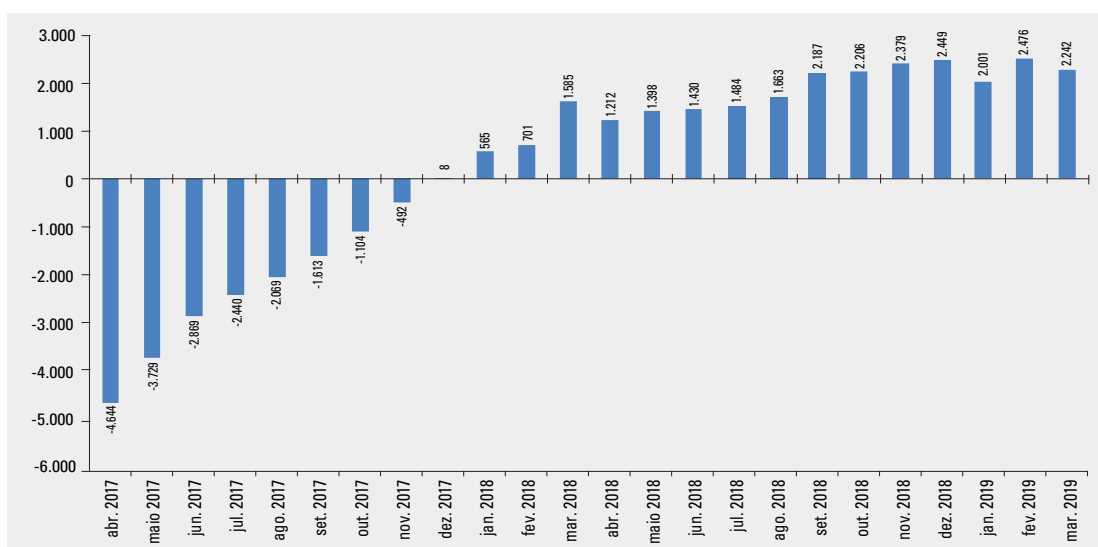
Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE mostrou uma leve alteração positiva no volume de vendas do varejo baiano no primeiro trimestre de 2019 no confronto interanual, alta de 0,2%. A comparação com o mesmo período do ano anterior, depois de sete recuos consecutivos, chegou ao sexto aumento sucessivo. No acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador também revelou ligeira alta, no caso de 0,1% – completando dois meses com resultado acima de zero nessa base de comparação.

Por fim, segundo o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), a confiança do empresariado local quanto ao futuro recuou duas vezes seguidas após ter alcançado em janeiro o maior nível desde novembro de 2012. Com a queda mais recente, as expectativas deixaram de apontar otimismo após dois meses e, apesar de menos atrofiadas que outrora, regrediram ao nível do final do ano passado. À vista disso, a dinâmica de recuperação da confiança dos empresários do estado, observada desde abril de 2016, quando o ICEB marcou -488 pontos, parece ter perdido fôlego ao longo do primeiro trimestre do ano (janeiro: 54 pontos; fevereiro: cinco pontos; e março: -22 pontos) – repercutindo um processo de acomodação das expectativas, que avançaram consideravelmente desde agosto último. Assumindo um viés de baixa e voltando a indicar pessimismo moderado, o último resultado do ICEB, no entanto, não sustou o movimento mais amplo de resgate da confiança no meio empresarial baiano iniciado há três anos e, também, não enfraqueceu a crença de que algum nível de otimismo deva ser a tônica em curto e médio prazo.

# EMPREGOS FORMAIS

Até o encerramento do primeiro trimestre, a Bahia já catalogava 16 meses seguidos com saldo positivo de empregos formais sob o cálculo de médias móveis de 12 meses<sup>1</sup> – todavia, inferior ao intervalo imediatamente antecedente, com 33 meses ininterruptos sem surgimento líquido de oportunidades ocupacionais. No geral, a trajetória de resultados positivos tem sido crescente, mas com descidas – próprio de uma recuperação tardia e arrastada. Em fevereiro, por exemplo, o saldo atingiu o maior patamar dos últimos 52 meses, uma geração média de 2.476 postos, mas caiu para 2.242 imediatamente depois do auge registrado (Gráfico 1).

No longo prazo, desde o pior momento da conjuntura recente, quando da perda líquida de 7.384 postos em junho de 2016, o mercado de trabalho baiano vem seguindo um itinerário paulatino de reabilitação – evidenciando ter relegado ao passado os momentos mais críticos. No entanto, o percurso tem sido vagaroso e nem sempre contínuo. O processo de regeneração tem se revelado muito mais lento que o da deterioração recente. Dessa maneira, mesmo superado o ciclo de contração e perante manifesto progresso, o mercado de trabalho local ainda requer um dinamismo bem mais atlético para o resgate dos tempos áureos ou para, pelo menos, neutralizar as perdas líquidas ocorridas recentemente.



**Gráfico 1**  
**Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Bahia – Abr. 2017-mar. 2019**

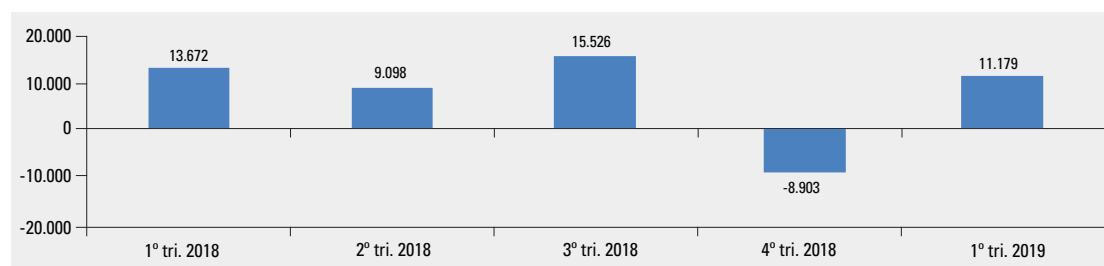
Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).  
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Em 2019, até março, foram gerados 11.179 postos de trabalho na Bahia, o que representou uma elevação de aproximadamente 0,7% no contingente de 1.692.114 empregos com carteira assinada existente ao final do ano anterior. Trata-se do segundo ano seguido com crescimento da ocupação no primeiro trimestre no estado – nutrindo, dessa forma, o entusiasmo quanto à possibilidade de continuação do processo de reabilitação vivenciado em 2018, quando emergiram

<sup>1</sup> Ao longo do texto, o termo emprego formal se refere à relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

aproximadamente 30 mil postos. Lembrando que falta muito para compensar as perdas dos anos de crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados – especificamente, 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente.

O primeiro trimestre de 2019, portanto, foi mais um marcado pelo avanço do nível do emprego no estado. A ressalva fica por conta de uma geração líquida menor neste ano que no mesmo intervalo do anterior, quando 13.672 postos foram abertos (Gráfico 2). A eclosão líquida de empregos formais no mercado de trabalho baiano foi realidade nos três meses do trimestre inaugural, já que nenhum mês testemunhou recuo da ocupação – semelhantemente, portanto, ao acontecido um ano antes, quando todos os meses evidenciaram resultado positivo. Enquanto o mês de fevereiro exibiu o maior saldo do trimestre, com 6.417 novas vagas, os de janeiro e março, por outro lado, apresentaram resultados mais modestos, de 2.193 e 2.569 novos postos, respectivamente.



**Gráfico 2**  
**Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 1º tri. 2018-1º tri. 2019**

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

A expansão do mercado de trabalho formal baiano no primeiro trimestre não atingiu todos os estratos setoriais, já que houve enxugamento líquido de postos em um deles. Nesse aspecto, a situação da ocasião se revelou semelhante à do mesmo trimestre do ano anterior, quando apenas um setor havia fechado mais postos do que aberto. Entretanto, desta vez, apenas três das oito atividades exibiram um desempenho melhor (Extrativa Mineral, Indústria de Transformação e Construção Civil). No trimestre imediatamente antecedente, por outro lado, quatro setores haviam apontado saldo negativo de empregos celetistas.

Em uma avaliação setorial, os setores de Construção Civil e Serviços, com geração líquida de 5.501 e 4.649 postos de trabalho no primeiro trimestre de 2019, respectivamente, destacaram-se com os desempenhos mais proeminentes. Em contrapartida, conforme se pode acompanhar pela Tabela 1, o setor de Comércio (-3.131 postos) foi o único com dispensa líquida de trabalhadores no citado intervalo na Bahia.

**Tabela 1**  
**Saldo de empregos formais por setor de atividade econômica, por trimestre – Bahia – 1º tri. 2018/4º tri. 2018/1º tri. 2019**

Setor de atividade econômica	1º tri. 2018	4º tri. 2018	1º tri. 2019
Extrativa Mineral	99	71	229
Indústria de Transformação	733	-3.219	1.779
Serviços Industriais de Utilidade Pública	568	628	96
Construção Civil	2.458	-3.527	5.501
Comércio	-1.635	4.891	-3.131
Serviços	7.921	1.190	4.649
Administração Pública	1.326	-867	557
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	2.202	-8.070	1.499
<b>Total</b>	<b>13.672</b>	<b>-8.903</b>	<b>11.179</b>

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

O saldo de empregos com carteira assinada também foi positivo para o país no primeiro trimestre de 2019, com 179.543 postos a mais. Entretanto, vale ressaltar, nem todas as regiões geraram postos de trabalho. O Nordeste, com perda líquida de 65.188 empregos celetistas, e o Norte, com 7.497 vagas a menos, foram as localidades que desativaram postos. O Sul, por sua vez, com surgimento de 108.372 vagas, foi aquela com o maior aumento. Das unidades da Federação, em 13 houve geração líquida. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 11.179 oportunidades ocupacionais, ocupou a sétima posição, treze acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, apenas um obteve resultado positivo. A Bahia ficou com o melhor desempenho regional, enquanto Pernambuco (-26.298 postos) exibiu o menor saldo do Nordeste no mesmo período.

Quanto à distribuição intraestadual, no primeiro trimestre deste ano, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) e o interior experimentaram surgimento líquido de vagas – replicando o ocorrido um ano antes (Tabela 2). Enquanto na primeira região foram gerados 3.220 empregos com registro em carteira, na segunda o resultado foi de 7.959 postos a mais – números inferiores aos do mesmo intervalo do ano anterior. Em relação ao trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades despontaram apenas na RMS, o quadro atual se mostrou bem melhor em ambas as localidades do estado.

Ao longo dos primeiros meses de 2019, como informado, a criação de empregos formais na Bahia foi avalizada principalmente pelo desempenho do interior (+7.959 postos), já que a RMS (+3.220 postos) registrou um ganho líquido de postos menos expressivo, inferior a metade do saldo do interior. Tal resultado serviu para realçar o protagonismo daquela região na geração de vagas no estado e, ao mesmo tempo, sinalizar a edificação de uma dinâmica própria do mercado de trabalho no interior. A área metropolitana se manteve, dessa forma, como entrave a um dinamismo mais contundente do mercado de trabalho formal em território baiano este ano.

**Tabela 2**  
**Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 1º tri. 2018/4º tri. 2018/1º tri. 2019**

Área geográfica	1º tri. 2018	4º tri. 2018	1º tri. 2019
Bahia	13.672	-8.903	11.179
RMS	3.604	2.211	3.220
Interior	10.068	-11.114	7.959

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

A RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo positivo de 11.179 empregos formais na Bahia, observado no primeiro trimestre, foi proveniente de 149.016 admissões e 137.837 desligamentos. Em relação ao mesmo trimestre do ano antecedente, as admissões e os desligamentos recuaram – aquelas em 3,6% (5.633 admitidos a menos) e estes em 2,2% (3.140 desligados a menos). A queda das contratações num patamar superior ao recuo dos desligamentos – mas, ambos em magnitudes moderadas – ajuda a entender a ocorrência de um resultado positivo relativamente comedido no trimestre recente.

O montante de desligados no primeiro trimestre do ano foi o menor de 2010 para cá, resultado próprio de um contexto com estoque de empregos em níveis ainda historicamente baixos, que por si só confere certa rigidez aos desligamentos involuntários e voluntários, associado a um percurso de restabelecimento. Dessa forma, o número desidratado de admitidos neste trimestre, ainda distante dos maiores registros, sinaliza que o grande obstáculo para uma sólida alavancagem do mercado de trabalho baiano se encontra mais relacionado com a dificuldade em se alocar e realocar do que com a de se manter em uma vaga.

Conforme a Tabela 3, houve recuo na maioria das formas de movimentação no mercado de trabalho baiano no primeiro trimestre de 2019<sup>2</sup>. A queda nas admissões ecoou o declínio em quase todas as formas de contratação, exceto na admissão por reemprego. Enquanto isso, a caída nos desligamentos foi puxada principalmente pelos decrescimentos verificados nas demissões sem justa causa e nos desligamentos por término de contrato.

No campo das admissões, o reemprego<sup>3</sup>, tipo de contratação mais comum, avançou 0,9% em comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Quanto aos desligamentos, a demissão sem justa causa, forma mais habitual de findar uma relação empregatícia, apresentou decréscimo de 3,3%. Entre todas as categorias, em termos relativos, os desligamentos por acordo (+24,7%) e os desligamentos a pedido (+9,4%) exibiram as maiores altas de um trimestre para outro. Na outra ponta, os desligamentos por aposentadoria (-46,9%) e as admissões por reintegração (-41,5%) apresentaram os recuos de maior magnitude.

---

2 O desligamento por acordo se trata de uma nova categoria de movimentação criada pela mais recente reforma trabalhista (Lei nº 13.467/17), cuja vigência teve início no dia 11 de novembro de 2017.

3 Reempregado é aquele que já havia exercido ocupação formal no mercado de trabalho anteriormente.



**Tabela 3****Comportamento do mercado de trabalho formal por tipo de movimentação no quadro de empregados, por trimestre – Bahia – 1º tri. 2018/1º tri. 2019**

Tipo mov. desagregado	1º tri. 2018	1º tri. 2019	Varição
Admissão por Reemprego	122.964	124.105	0,9%
Admissão por Primeiro Emprego	15.677	13.320	-15,0%
Contrato Trabalho Prazo Determinado	15.721	11.423	-27,3%
Admissão por Reintegração	287	168	-41,5%
Admissão por Transferência	0	0	-
<b>Total de Admissões</b>	<b>154.649</b>	<b>149.016</b>	<b>-3,6%</b>
Desligamento por Transferência	0	0	-
Desligamento por Aposentadoria	179	95	-46,9%
Desligamento por Morte	516	449	-13,0%
Desligamento por Demissão com Justa Causa	1.134	1.104	-2,6%
Desligamento por Acordo Empregado e Empregador	1.098	1.369	24,7%
Término Contrato Trabalho Prazo Determinado	4.698	4.758	1,3%
Desligamento por Término de Contrato	19.042	17.314	-9,1%
Desligamento a Pedido	17.632	19.291	9,4%
Desligamento por Demissão sem Justa Causa	96.678	93.457	-3,3%
<b>Total de Desligamentos</b>	<b>140.977</b>	<b>137.837</b>	<b>-2,2%</b>
<b>Saldo (Admissões - Desligamentos)</b>	<b>13.672</b>	<b>11.179</b>	<b>-</b>

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

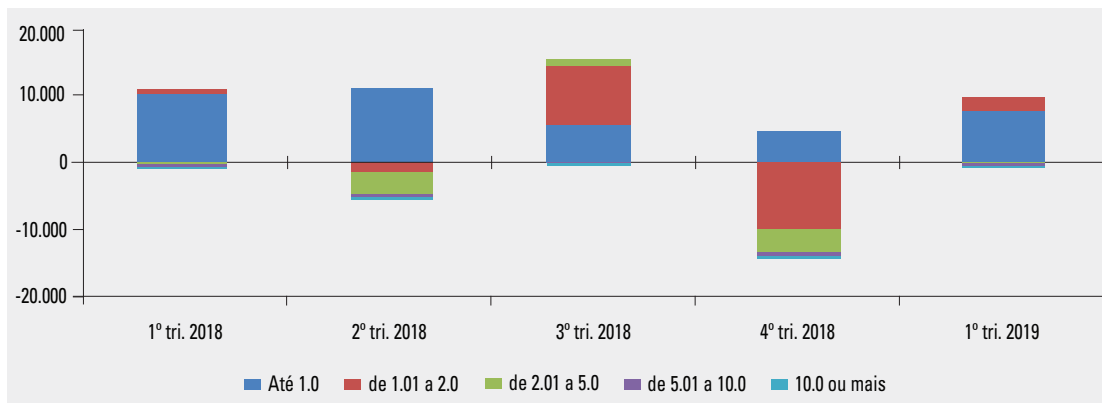
Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

De janeiro a março, a despeito do resultado positivo no agregado, o surgimento líquido de vagas aconteceu somente em dois estratos de remuneração – panorama semelhante ao observado há um ano, mas diferente do esboçado no quarto trimestre de 2018, quando a abertura líquida de postos ocorreu em apenas um estrato (Gráfico 3). A captação líquida de trabalhadores, no trimestre mais recente, se deu para os postos que pagavam menos, as faixas de até um e de um a dois salários mínimos – com o resultado positivo nestas duas sendo mais que suficiente para suplantarem os saldos negativos nas demais. A tática em disponibilizar oportunidades para as ocupações com as mais baixas remunerações, adotada pelas empresas como forma de evitar o avanço dos custos, continuada no primeiro trimestre deste ano, reforça uma conduta condizente com um panorama de recuperação econômica lenta e incerta.

Assim como no primeiro trimestre de 2018, a maior geração líquida de vínculos despontou na classe de até um salário mínimo no intervalo mais recente. Por outro lado, o maior corte líquido ocorreu na categoria de cinco a dez – diferentemente do sucedido um ano antes, quando a classe de dois a cinco foi a de maior saldo negativo. No trimestre imediatamente antecedente, as faixas de até um e de um a dois salários mínimos foram os destaques positivo e negativo, respectivamente.

Em um ano, o saldo de postos de trabalho diminuiu em dois dos estratos de valor: no de até um e no de cinco a dez salários mínimos. A categoria dos que receberam até um salário mínimo foi a que mais desidratou nesse intervalo. Entre as camadas que progrediram em termos de saldo, a dos que receberam de um a dois salários mínimos foi a que mais avançou. Em relação ao quarto trimestre de 2018, o progresso se mostrou generalizado, já que todas as classes passaram a exibir um saldo melhor.



**Gráfico 3**  
**Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 1º tri. 2018-1º tri. 2019**

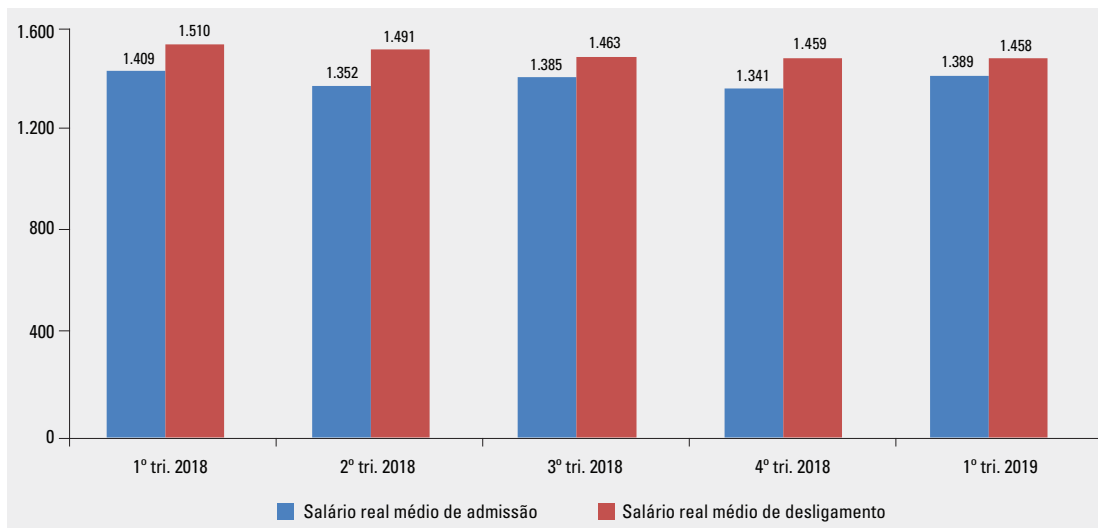
Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

As informações trabalhadas não contemplam as declarações fora do prazo.

O salário real médio de admissão, na Bahia, chegou a R\$ 1.389 no primeiro trimestre de 2019 – inferior em R\$ 205 em relação ao do país, de R\$ 1.594. Trata-se da segunda maior quantia do início de 2018 para cá. Em relação ao intervalo de outubro a dezembro passado, quando alcançou R\$ 1.341, houve alta aproximada de 3,6%. Na comparação interanual, ocorreu uma queda de 1,4% – já que, à época, o valor havia sido de R\$ 1.409. A evolução trimestral deste importante indicador pode ser acompanhada pelo Gráfico 4.

A remuneração média dos trabalhadores admitidos manteve o movimento de vaivém e, após recuo no período imediatamente anterior, voltou a subir no trimestre mais recente. O salário real médio de desligamento, por sua vez, regrediu pela sexta vez seguida – ficando abaixo dos valores do período sob investigação. A diferença relativa entre o salário real médio dos desligados e admitidos, no primeiro trimestre, diminuiu comparativamente às observadas no trimestre anterior e no mesmo trimestre de 2018. Enquanto no intervalo mais atual, o trabalhador admitido recebeu, em média, 95,3% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no primeiro de 2018, esses percentuais foram de 91,9% e 93,3%, respectivamente – denotando, ao menos quanto aos intervalos de comparação, aumento do preço de rotatividade da mão de obra na Bahia.



**Gráfico 4**  
**Salário real médio de admissão e de desligamento por trimestre – Bahia – 1º tri. 2018-1º tri. 2019**

Fonte: Ministério da Economia – Secretaria Especial de Previdência e Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Dados deflacionados em relação a março de 2019 pelo INPC.

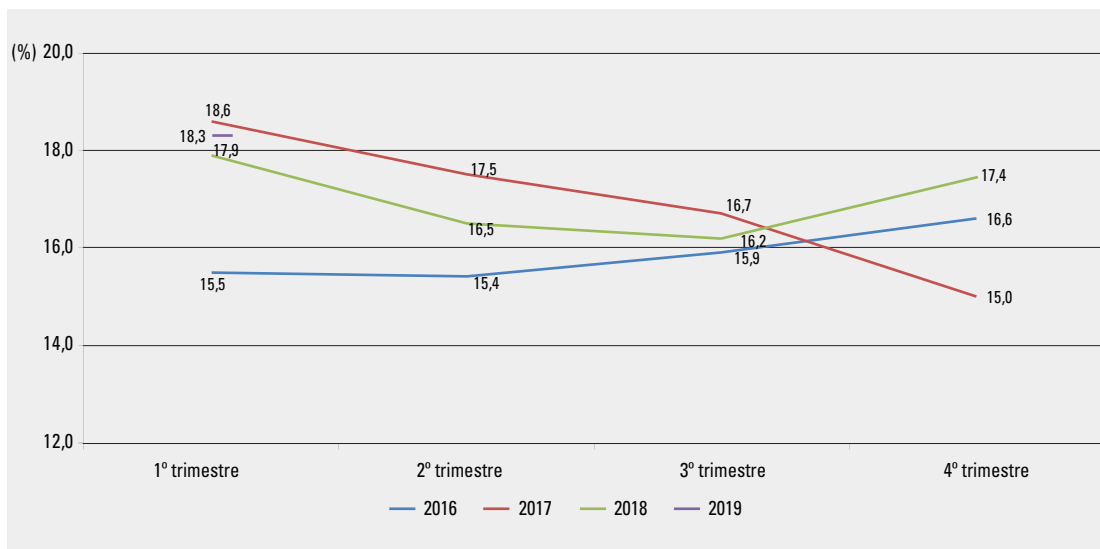
## MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 4, no primeiro trimestre de 2019, a desocupação na Bahia atingiu 18,3% da população na força de trabalho. O resultado em questão representou a segunda maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa<sup>4</sup> – menor, apenas, que a registrada no primeiro trimestre de 2017, de 18,6%. Para o território brasileiro como um todo, a taxa foi de 12,7% no referido trimestre, o quarto maior valor desde o princípio da série.

A Bahia persistiu com uma taxa de desocupação superior às do Brasil (12,7%) e do Nordeste (15,3%) no primeiro trimestre de 2019. A Região Nordeste, por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul com a menor (8,1%). Entre as unidades da federação, assim como no trimestre imediatamente antecedente, a Bahia exibiu a segunda mais elevada. Enquanto isso, Amapá (20,2%) foi o estado com a maior taxa no período e Santa Catarina (7,2%), aquele com a menor.

Após a alta ao final do último ano, quando atingiu 17,4%, a taxa de desocupação no estado voltou a subir e aumentou 0,9 ponto percentual (Gráfico 5). Assim, depois de duas quedas em sequência, no segundo e no terceiro trimestres de 2018, a referida taxa sofreu guinada altista e, agora, emendou a segunda alta seguida, fazendo desse movimento uma preocupação perante a perspectiva de reabilitação. Apesar de preocupante, a dinâmica não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho em início de ano. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2018, quando o indicador foi estimado em 17,9%, também houve crescimento, com a taxa mais recente ficando 0,4 ponto percentual acima.

4 A PNAD Contínua foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.



**Gráfico 5**  
**Taxa trimestral de desocupação – Bahia – 2016-2019**

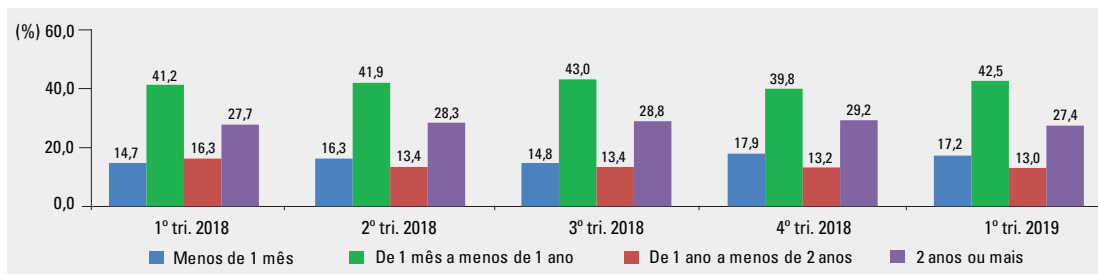
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).  
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Além da alta na taxa trimestral de desocupação, o percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas em território baiano diminuiu no comparativo com os trimestres de referência. Dessa forma, o nível da ocupação recuou para 47,7% no primeiro trimestre deste ano, ao passo que havia sido de 47,8% e 48,2% no primeiro e no último trimestre de 2018, respectivamente. A taxa de participação, por sua vez, praticamente não variou, registrando 58,3% no intervalo mais recente<sup>5</sup>.

No trimestre analisado, a população ocupada foi estimada em 5,724 milhões, representando alta de 1,2% (+65 mil pessoas) em contraponto ao mesmo período do ano passado e queda de 0,5% (-29 mil) comparativamente ao trimestre imediatamente anterior. A população desocupada foi estimada em 1,282 milhão de indivíduos, avanço de 5,9% (+71 mil) frente à do quarto trimestre de 2018 e de 3,6% (+45 mil) em relação à do mesmo trimestre de um ano antes. Assim sendo, em relação ao registrado há um ano, o ingresso de indivíduos na força de trabalho (+110 mil) num patamar superior ao da geração de postos de trabalho (+65 mil) terminou por pressionar para cima o contingente de desocupados (+45 mil).

A despeito do aumento do número de desocupados, o tempo de permanência na desocupação mostrou recuo na Bahia. As parcelas de desocupados procurando por trabalho entre um e dois anos e por dois anos ou mais atingiram os menores níveis de um ano para cá: 13,0% e 27,4%, respectivamente (Gráfico 6). No entanto, um dado ainda preocupante, já que quatro em cada dez desocupados enfrentavam o drama do desemprego há pelo menos um ano no trimestre mais recente. Por sua vez, em um ano, os percentuais daqueles buscando uma recolocação no mercado no intervalo inferior a um mês e no de um mês a menos de um ano aumentaram no primeiro trimestre de 2019, chegando a 17,2% e 42,5%, respectivamente. Neste trimestre, entre os desocupados baianos, 220 mil procuravam ocupação a menos de um mês; 544 mil, de um mês a menos de um ano; 167 mil, de um ano a menos de dois anos; e 351 mil buscavam há pelo menos dois anos.

<sup>5</sup> O nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar, enquanto a taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação às pessoas em idade de trabalhar.



**Gráfico 6**  
**Proporção de pessoas desocupadas por tempo de procura de trabalho – Bahia – 1º tri. 2018-1º tri. 2019**

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Apesar da alta na taxa de desocupação em um ano, a taxa composta da subutilização da força de trabalho na Bahia quase não variou, já que apresentou um releu recuo, passando de 40,5% para 40,4% do primeiro trimestre de 2018 para o trimestre mais recente, respectivamente – uma diminuição, portanto, de 0,1 ponto percentual e o segundo maior percentual da série<sup>6</sup>. No Brasil, a taxa ficou em 25,0% no período retratado. Em um ano, a Bahia deixou de apresentar a primeira para assumir a terceira maior taxa de subutilização entre as unidades federativas. Em relação ao quarto trimestre do ano passado, quando o referido indicador registrou 39,6%, ocorreu uma majoração de 0,8 ponto percentual. Atualmente, 3,271 milhões de pessoas de 14 anos ou mais se encontram na condição de subutilizadas na Bahia.

O montante de desalentados em terras baianas no primeiro trimestre deste ano foi de 768 mil pessoas, o quarto maior registro da série<sup>7</sup>. Além do recuo de seis mil pessoas (-0,7%) nessa condição em um ano, houve queda de quatro mil (-0,5%) ao levar em consideração o quarto trimestre de 2018. Entretanto, trata-se ainda do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Atualmente, a Bahia concentra 15,9% da população desalentada brasileira. O percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada no estado ficou em 9,9% no primeiro trimestre de 2019.

Considerando os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas ampliou na maior parte dos setores, em seis do total de dez. No caso, a elevação do nível de emprego foi maior em *Transporte, armazenagem e correio* (+25,7%); e, relativamente menor, em *Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas* (+5,2%); *Indústria geral* (+3,6%); *Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais* (+3,1%); *Construção* (+2,3%); e *Serviços domésticos*

6 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

7 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por pelo menos uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

(+0,1%). Em compensação, a ocupação decresceu nos setores *Outros serviços*<sup>8</sup> (-8,5%); *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (-4,0%); *Alojamento e alimentação* (-1,0%); e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-0,5%).

Com base na PNADC, o rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no primeiro trimestre de 2019, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.527 – o nono maior registro de toda a série. Em relação ao primeiro trimestre de 2018, quando o rendimento médio real estava em R\$ 1.590, houve recuo de 4,0% e num comparativo com o trimestre anterior, quando o valor estava em R\$ 1.592, ocorreu uma variação negativa de 4,1%. A massa de rendimento real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R\$ 8,470 bilhões – retração de 4,5% frente à do trimestre imediatamente antecedente, de R\$ 8,867 bilhões, e de 2,5% num comparativo com a do mesmo trimestre do ano passado, cujo valor havia sido de R\$ 8,683 bilhões.

**Tabela 4**  
**Síntese das principais informações da PNAD Contínua – Bahia – 1º tri. 2018/4º tri. 2018/1º tri. 2019**

Indicador	Estimativa			Variação	
	1º tri. 2018	4º tri. 2018	1º tri. 2019	1º tri. 2019/ 1º tri. 2018	1º tri. 2019/ 4º tri. 2018
Taxa de desocupação	17,9%	17,4%	18,3%	0,4 p.p.	0,9 p.p.
Nível da ocupação	47,8%	48,2%	47,7%	-0,1 p.p.	-0,6 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,2%	58,4%	58,3%	0,1 p.p.	-0,1 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	40,5%	39,6%	40,4%	-0,1 p.p.	0,8 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	15,8%	15,7%	15,7%	-0,1 p.p.	0,0 p.p.
Percentual de desalentados (1)	10,1%	10,0%	9,9%	-0,2 p.p.	-0,1 p.p.
População em idade de trabalhar	11.845 mil	11.925 mil	12.009 mil	1,4%	0,7%
População na força de trabalho	6.896 mil	6.964 mil	7.006 mil	1,6%	0,6%
Ocupados	5.659 mil	5.753 mil	5.724 mil	1,2%	-0,5%
Subocupados por insuficiência de horas trabalhadas	894 mil	904 mil	897 mil	0,3%	-0,8%
Desocupados	1.237 mil	1.211 mil	1.282 mil	3,6%	5,9%
População fora da força de trabalho	4.948 mil	4.961 mil	5.003 mil	1,1%	0,8%
População na força de trabalho potencial	1.111 mil	1.068 mil	1.092 mil	-1,7%	2,3%
Desalentados	774 mil	772 mil	768 mil	-0,7%	-0,5%
População subutilizada	3.243 mil	3.183 mil	3.271 mil	0,9%	2,8%
Rendimento médio real habitual	R\$ 1.590	R\$ 1.592	R\$ 1.527	-4,0%	-4,1%
Massa de rendimento real (2)	R\$ 8.683	R\$ 8.867	R\$ 8.470	-2,5%	-4,5%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

(2) Estimativa apresentada em milhões de reais.

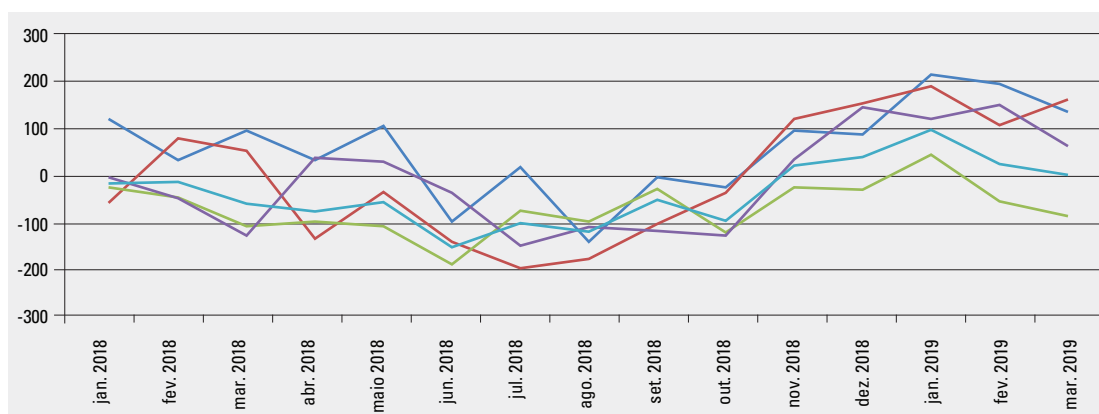
8 O grupamento ocupacional *Outros serviços*, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

# PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

## Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas dos empresários de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas do empresariado da Bahia em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido positivo desde novembro passado, ou seja, há cinco meses – isso após 59 meses, de dezembro de 2013 a outubro de 2018, com valor abaixo de zero. No entanto, desde janeiro, quando atingiu 102 pontos, maior patamar desde março de 2013, o referido indicador se encontra em declínio: fevereiro, 28 pontos; e março, cinco pontos – indicando retrocesso frente ao valor de encerramento de 2018 e sinalizando, assim, certa apreensão quanto ao vigor das contratações no curto prazo.

A queda do indicador quanto ao emprego em relação ao término do trimestre antecedente, no entanto, não se deu de forma generalizada (Gráfico 7). Entre as atividades, foi verificada alta na Agropecuária e na Indústria. Os setores de Serviços e de Comércio, por outro lado, apontaram recuo das expectativas ao fim do trimestre mais recente. Nesse contexto, o setor de Serviços terminou com o pior dos indicadores e o de Indústria revelou o maior nível de confiança em relação às contratações futuras. Faz-se importante destacar que, nesse quesito, o pessimismo foi a tônica de apenas um setor: Serviços.

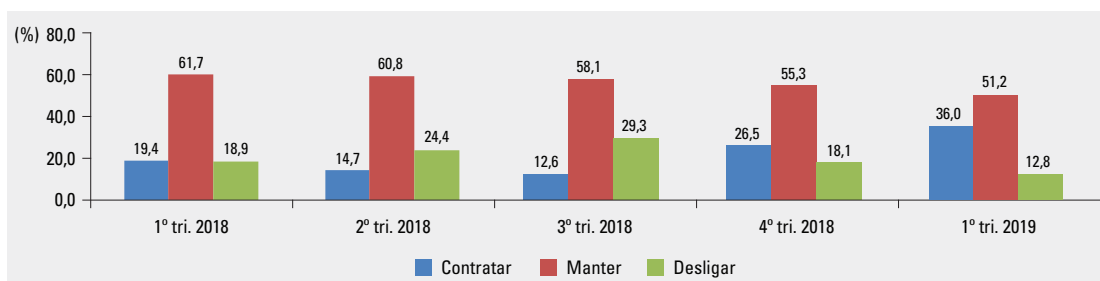


**Gráfico 7**  
**Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – Jan. 2018-mar. 2019**

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.  
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

No que diz respeito ao nível esperado de futuras contratações, 51,2% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores; 36,0% cogitam contratar; e 12,8% dos entrevistados pretendem promover o desligamento de empregados. Pontualmente, aumentou a distância entre a proporção das empresas com intenção em dilatar o quadro de pessoal e a das que preveem comprimir, com aquela se tornando ainda maior do que esta na passagem de um trimestre para outro, uma porção quase três vezes maior.

Mesmo sem significar um resultado formidável, os sinais alimentam certa esperança por uma recuperação do mercado de trabalho. Conforme o Gráfico 8, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários recuou pela segunda vez sucessiva, assumindo o menor patamar da série recente. O fito de admitir, por sua vez, aumentou pela segunda vez consecutiva, alcançando um percentual há muito não registrado. De resto, a perspectiva empresarial em manter o quantitativo de empregados continua bastante elevada, apesar da quarta queda subsequente.



**Gráfico 8**

**Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 1º tri. 2018-1º tri. 2019**

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.  
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

## Projeção do emprego formal

De acordo com a projeção realizada pela SEI, o mercado de trabalho baiano seguirá seu processo de recuperação no segundo trimestre de 2019, com geração prevista de 9.344 postos (Tabela 6). Tal resultado, desde que se concretize, marcará a terceira expansão subsequente em um segundo trimestre – isso após dois anos em sequência com atrofia no referido trimestre, nos anos de 2015 e 2016.

Na hipótese de tal expectativa se confirmar, o resultado líquido de empregos com carteira assinada no intervalo em questão, implicaria certo alento, pois ficaria acima do saldo edificado no segundo trimestre do ano passado. No entanto, numa análise temporal mais ampla, representaria apenas o décimo primeiro melhor segundo trimestre desde 2006. Além do mais, para o acumulado dos seis meses iniciais, o saldo deste ano ainda permaneceria inferior ao do ano passado para o mesmo período, colocando em suspeição a possibilidade de que o ano de 2019 supere o de 2018 em termos de geração de postos de trabalho celetista na Bahia – o que frustraria as previsões do começo deste ano. Dessa maneira, tal projeção termina por plantar dúvidas quanto a amplitude do processo de recuperação que se encontra em curso no estado desde 2017.



A eclosão líquida de empregos com carteira assinada esperada para o segundo trimestre de 2019 deverá ocorrer em seis dos oito grupamentos de atividades, sendo influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Agropecuária (+5.998 postos de trabalho) e Indústria de Transformação (+3.968 postos). Por outro lado, Serviços (-1.328 empregos celetistas) e Comércio (-721 postos) tendem a se caracterizar como os únicos contrapesos. As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo.

**Tabela 5**  
**Projeção do saldo de empregos formais por setor de atividade econômica – Bahia – 2º tri. 2019**

Setor de atividade econômica	Saldo projetado
Extrativa Mineral	227
Indústria de Transformação	3.968
Serviços Industriais de Utilidade Pública	120
Construção Civil	862
Comércio	-721
Serviços	-1.328
Administração Pública	218
Agropecuária	5.998
<b>Total</b>	<b>9.344</b>

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

O saldo projetado pela SEI conta com dados atualizados até março de 2019.

O saldo líquido projetado pela SEI para os próximos três meses na Bahia, caso se confirme, ainda assim, traria certo desapontamento, pois não seria suficiente para tornar o resultado do primeiro semestre deste ano superior ao acumulado dos seis meses iniciais de 2018. Mesmo sem prejudicar o entendimento de que o mercado de trabalho vem experimentando avanços, um resultado assim poderá gerar alguma preocupação e fragilizar o juízo de que a recuperação do emprego no estado possa alcançar consistência e vigor. O recuo último das expectativas, sancionando o nível de confiança do empresariado baiano novamente abaixo de zero, mesmo que num patamar bem menos degradado que no passado recente, dispara um alerta e passa a se constituir também num ingrediente desfavorável.

Além do mais, com a lenta recuperação da atividade econômica, o mercado de trabalho, que segue uma dinâmica própria, com movimentos retardados perante os ciclos econômicos, não encontra ambiente propício para emplacar um processo de melhoria pujante e universal. Dessa forma, a percepção no momento continua sendo a de que o mercado de trabalho local, mesmo seguindo o curso da reabilitação, provavelmente, não deverá manifestar dinamismo extraordinário em curto e médio prazo. Porém, hoje, pode-se dizer que o futuro parece mais promissor que outrora.

# NOTAS METODOLÓGICAS

## PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: Grande Pessimismo, de -1.000 a -500; Pessimismo, de -500 a -250; Pessimismo Moderado, de -250 a zero; Otimismo Moderado, de zero a 250; Otimismo, de 250 a 500; e Grande Otimismo, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

### Escala do ICEB



## PROJEÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL

As projeções do mercado de trabalho formal são construídas com base na metodologia de séries temporais. As estimativas são feitas para o número de admitidos e de desligados de cada um dos oito setores de atividade econômica. O saldo previsto para cada segmento será a diferença entre as admissões e os desligamentos projetados. O saldo geral, enfim, será o somatório dos saldos supostos para cada atividade.

O tratamento dado a determinado setor no processo de previsão depende de o mesmo ser considerado de menor ou maior impacto na dinâmica do mercado de trabalho local. O grupo de menor influência incorpora as atividades de Extrativa Mineral, Serviços Industriais de Utilidade Pública e Administração Pública. O de maior peso engloba Indústria de Transformação, Construção Civil, Comércio, Serviços e Agropecuária.

As séries do número de admissões e de desligamentos do setor, obtidas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), são incluídas no procedimento de projeção independentemente do peso do segmento. O uso de variáveis explicativas, no entanto, somente ocorre para aquelas atividades apontadas como de maior impacto.

Para conceber tais previsões são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (SARIMA) e sua extensão (SARIMAX). A adoção do modelo SARIMAX é para permitir a inclusão de variáveis explicativas.

